

PADRE PEDRO PAULO DOS SANTOS



## A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA: ESTUDOS DE HERMENÊUTICA



BÍBLIA  
NO MUNDO DE HOJE

LETRACAPITAL

Copyright © Pe. Pedro Paulo Alves dos Santos, 2019

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.  
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida,  
sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização  
prévia e expressa do autor.*

EDITOR

João Baptista Pinto

PROJETO GRÁFICO

Rian Narcizo Mariano

CAPA

Floremy Roldão Sereni Nascimento

REVISÃO

Rita Luppi

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

S237i

Santos, Pedro Paulo Alves dos, 1960-

A interpretação da Bíblia: estudos de hermenêutica / Pedro Paulo Alves dos Santos. -

1. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2019.

216 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 9788577856978

1. Bíblia - Crítica e interpretação. 2. Bíblia - Hermenêutica. I. Título.

19-59751

CDD: 220.601

CDU: 27-277.2

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

LETRA CAPITAL EDITORA  
Tels: (21) 3553-2236/2215-3781  
[www.letracapital.com.br](http://www.letracapital.com.br)

Pe. Pedro Paulo Alves dos Santos

A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA:  
ESTUDOS DE HERMENÊUTICA

LETRAPITAL



## APRESENTAÇÃO

É fundamental que os cristãos vivam em contato e em diálogo pessoal com a Palavra de Deus, que nos foi dada na Sagrada Escritura, lendo-a não como palavra do passado, mas como Palavra viva, que se dirige hoje a nós e nos interpela (*BENTO XVI, 2010*).

A coleção “A Bíblia no mundo de hoje” nasce das páginas semanais do *Testemunho de Fé*, semanário arquidiocesano.

Tudo começou em 2015, quando o caríssimo irmão, o padre José Britto III, vice-diretor da Rádio Catedral me convidou para escrever um “estudo bíblico” nesse semanário.

Sou-lhe grato pela oportunidade e pelo encorajamento!

Hesitei um pouco no início, mas curioso diante dessa nova tarefa, entreguei-me ao trabalho. De um lado, deveria ser uma comunicação popular e simples, mas correta e precisa. Do outro, um labor que saciasse com honestidade intelectual a sede e fome que o laicato católico tem de conhecimento e leitura competentes das Sagradas Escrituras.

Não faltou também a preocupação durante a elaboração dos artigos com o avanço da leitura protestante da Bíblia entre os católicos, a *sola Scriptura* de Lutero, que há cinco séculos separava a Igreja de “seu Livro”. Ajudar os católicos a exercitar corretamente a interpretação da Bíblia, na Igreja, tornava-se também um dos anseios desses artigos semanais, agora reunidos nesta publicação.

O projeto desta obra, que ainda se prolongará, prevê ao menos três etapas:

A primeira – que agora entregamos aos leitores com os artigos de 2015 a 2017 reunidos num único opúsculo – abrange a primeira

etapa decisiva para a leitura católica e correta da Bíblia, as regras e ensinamentos da Igreja sobre a interpretação acompanhada de uma breve história da leitura bíblica ao longo dos séculos.

Depois virão outros volumes, que estão em gestação, e deverão abranger as muitas questões dos livros do Antigo e do Novo Testamentos.

Desejo que esta publicação seja de utilidade para todos os colegas sacerdotes, para os diáconos e seminaristas, para os catequistas e todos aqueles que em nossas escolas de Teologia e catequese se aprofundam nas Sagradas Escrituras.

Sou gratíssimo à Pontifícia Basílica de Nossa Senhora de Penha de França (Santuário da Penha), seja na pessoa do seu reitor, o reverendíssimo padre Thiago Sardinha, que apresentou fraternalmente meu pedido de patrocínio, assim como agradeço também ao provedor, o senhor Marcos Jorge da Rocha, e através dele a todos os membros dessa antiga irmandade, que facultou-me gentilmente os meios para realizar esta publicação.

Deus abençoe a todos!

Que a Virgem da Penha proteja nossa fé, fundada na Tradição e nas Escrituras Sagradas!

*Professor doutor padre Pedro Paulo Alves dos Santos*

### **A Bíblia no mundo de hoje**

Rio de Janeiro, 10 de maio de 2019.

## SUMÁRIO

Introdução.....	11
1. Revelação e fé na Bíblia.....	13
2. A hermenêutica bíblica judaica .....	19
2.1 A criação de interpretação bíblica judaica .....	20
2.2 Saduceus, fariseus, escribas .....	21
2.3 A tradução dos <i>LXX</i> ou <i>Septuaginta</i> .....	23
3. A Hermenêutica cristã dos livros do Antigo Testamento.....	25
3.1 A unidade dos Testamentos .....	25
3.2 A controvérsia de Marcião .....	26
4. As escolas de Alexandria e Antioquia .....	29
4.1 Filão de Alexandria .....	29
4.2 Clemente de Alexandria e Orígenes.....	29
4.3 A Escola de Antioquia.....	30
5. A tradição latina da Bíblia antiga .....	32
5.1 Tertuliano e Cipriano.....	33
5.2 São Jerônimo.....	34
5.3 Jerônimo, tradutor da Bíblia: a <i>Vulgata latina</i> .....	35
5.4 Jerônimo e Agostinho .....	37
5.5 A obra exegética de Santo Agostinho.....	38
5.6 Biografia.....	49
5.7 A história: a <i>Cidade de Deus</i> .....	40
6. A interpretação bíblica na Idade Média .....	42
6.1 A obra de Henri de Lubac: os quatro sentidos da Escritura.....	46
6.2 Os quatro sentidos da Escritura e a exegese na Idade Média .....	47
6.3 Conclusões sobre a leitura bíblica na Idade Média .....	49

7. A exegese bíblica de São Tomás de Aquino .....	51
7.1 O surgimento da Escolástica: ambiente de Santo Tomás de Aquino .....	51
7.2 Características da exegese de Santo Tomás.....	53
7.3 Teologia bíblica na exegese de São Tomás .....	54
7.4 A inspiração do Texto Sagrado é o primeiro desses pressupostos .....	55
7.5 Um segundo pressuposto da exegese de Tomás é que a Bíblia é o livro da Igreja .....	56
7.6 Um terceiro pressuposto da exegese do Aquinate é o princípio da unidade das Escrituras na medida em que todas as Escrituras falam de Cristo .....	58
8. A hermenêutica moderna .....	59
8.1 F. D. E. Schleiermacher (1768-1834).....	60
8.2 W. Dilthey (1833-1911).....	60
8.3 Martin Heidegger (1889-1976) .....	61
8.4 H.-G. Gadamer (1900-2002).....	62
8.5 Rudolf Bultmann (1884-1976) .....	63
9. A interpretação da Bíblia na Igreja (1993) .....	64
9.1 Magistério e exegese científica .....	66
9.2 Métodos e abordagens para a interpretação .....	69
10. Método histórico-crítico .....	70
10.1 História do método.....	70
10.2 Princípios.....	73
10.3 Descrição.....	75
10.4 Avaliação.....	76
11. Novos métodos de análise literária.....	79
11.1 Análise retórica .....	79
11.2 Análise narrativa.....	83
11.3 Análise semiótica.....	87

12. Abordagens baseadas na Tradição.....	92
12.1 Abordagem canônica.....	93
12.2 Abordagem com recurso às tradições judaicas de interpretação.....	96
12.3 Abordagem através da história dos efeitos do texto.....	97
13. Abordagens através das Ciências Humanas .....	100
13.1 Abordagem através da Antropologia cultural.....	103
13.2 Abordagens psicológicas e psicanalíticas .....	105
14. Abordagem da “libertação” .....	109
15. Abordagem <i>feminista</i> .....	113
16. A leitura fundamentalista .....	120
17. Questões de Hermenêutica .....	126
17.1 Perspectivas modernas.....	126
18. Hermenêuticas filosóficas .....	133
18.1 Sentido literal.....	134
18.2 Sentido espiritual.....	137
18.3 O sentido pleno .....	141
19. Dimensões características da interpretação católica .....	146
20. A interpretação na Tradição bíblica.....	149
20.1 Releituras.....	150
20.2 Relações entre o Antigo e Novo Testamento .....	150
20.3 Algumas conclusões .....	157
21. A interpretação na Tradição da Igreja .....	162
21.1 A exegese patrística .....	166
O recurso alegórico na exegese.....	169
21.2 O papel dos diversos membros da Igreja na interpretação.....	172

22. A interpretação da Bíblia na vida da Igreja.....	178
22.1 Métodos .....	183
22.2 Limites.....	189
23. Inculturação.....	192
24. “O uso da Bíblia” .....	201
24.1 Na liturgia.....	201
24.2 <i>Lectio</i> divina .....	202
24.3 No ministério pastoral .....	206
Conclusão .....	211
Referências bibliográficas .....	214

## INTRODUÇÃO

A interpretação dos textos bíblicos continua a suscitar em nossos dias um vivo interesse e provoca importantes discussões. Elas adquiriram dimensões novas nestes últimos anos. Dada a importância fundamental da Bíblia para a fé cristã, para a vida da Igreja e para as relações dos cristãos com os fiéis das outras religiões, a Pontifícia Comissão Bíblica foi solicitada a se pronunciar a esse respeito (PCB, 1993).

Essas questões não são “novas”, mas voltam, de novo, todas as vezes em que, num determinado contexto histórico, a memória, pela ameaça do esquecimento ou mesmo da aniquilação, insurge-se de variadas maneiras. Entre a fúria de leituras “fundamentalistas” e a desconfortável recordação, essa faz emergir a tarefa de afrontar a densidade do presente.

Também um biblista, como exegeta e teólogo católico, vive essa experiência.

Segundo G. Steiner (2001), em *Gramática da leitura da Bíblia*, constitui-se num combate interativo com um “produto literário” antigo e exigente, podendo ser enfrentado somente com franca, humilde e competente “digestão” e, ao mesmo tempo, um labor sequioso da “natural” atualização das páginas sagradas.

Processo delicado, que, pela natureza normativa desse código, exige regras, refinação, sólida formação científica em campos multidisciplinares, e uma decidida consciência de pertencer ao corpo eclesial, pela profissão e celebração da fé.

Tudo isso se insere nessa consciência de ler a Bíblia na Igreja como ato histórico e contextualizado de intérprete, isto é, uma forma de ação compreensiva inserida no processo de uma História da Interpretação.

Mais ainda, busca-se interpelar acerca da importância da reconstituição histórica, na localização das coordenadas que indicam a produção e silhueta material e “hermenêutica” de um texto.

Em particular, aquelas dos antigos textos das Sagradas Escrituras, que sofrem, no tempo e espaço, uma variação interpretativa, recolhendo e registrando as linhas da interpretação da comunidade eclesial, na qual são atualizados. Mas, ao mesmo tempo, permanecem fiéis à *didaké*, (ensinamento) e à *parádosis* (tradição) apostólicas, fixadas pela “força” da natureza canônica (normativa) desses textos.

Sobre a constituição e importância de uma História da Interpretação subjaz a noção básica de um livro coletivo e normativo e de sujeitos socializados e contextualizados. Lê-se a Bíblia na Igreja, dentro das diversas tradições cristãs, à luz da permanente *anamnêsis* “pneumático-eclesial” (1Jo 1,1-7 e 2Pd 1,12-21; Jo 14,26//12, 11s). Isto é, compreende-se o desenrolar “profético” das Palavras de Jesus, ao longo da História, na dinâmica escatológica da compreensão sempre nova e contextualizada e da fidelidade à “mensagem” divina (Jo 1,18) que se desvela aos Apóstolos e que foi fixada nos textos sagrados (Apoc 1,1-3).

O *kânon* do Novo Testamento (NT), como obra literária, “esconde” a Palavra e, também, seu contexto vital, na condição de texto que a inscreve, e, assim, ele nos “oferece” um *quasi mondo* da realidade dinâmica do cristianismo primitivo?

Dois pressupostos parecem-nos fundamentais na compreensão dessa problemática: de um lado, o percurso contemporâneo e a postura da Igreja Católica diante da problemática hermenêutica bíblica; do outro lado, os “novos” horizontes que se abriram na compreensão mesma da história e da interpretação, com suas implicações para a reconstituição e desenvolvimento de uma semântica do texto sagrado.

## 1. REVELAÇÃO E FÉ NA BÍBLIA

No devido tempo chamou Abraão, para fazer dele pai dum grande povo (cf. Gên. 12,2), povo que, depois dos patriarcas, ele instruiu, por meio de Moisés e dos profetas, para que o reconhecessem como único Deus vivo e verdadeiro, pai providente e juiz justo, e para que esperassem o Salvador prometido; assim preparou Deus através dos tempos o caminho ao Evangelho (DV 3).

O Antigo Testamento (AT) corresponde àqueles 45 ou 46 livros que prepararam o povo de Israel e a humanidade para a vinda do Messias. Eles são fruto de um longo período de “canonização” do processo da Revelação. No decorrer dos séculos a fé e a experiência de *varões escolhidos* vai se solidificando no código de celebração e de ética, fontes da identidade e da memória do povo de Israel.

As narrações orais da vida, do contato íntimo com Deus, da formação e celebração da fé, inicialmente henoteísta no Deus dos Pais vão sendo transformadas em textos fixos a serem lidos em contextos litúrgicos e escolares (posteriormente nas sinagogas e círculos de estudo e tradição).

A Deus que revela é devida a ‘obediência da fé’ (Rom. 16,26; cfr. Rom. 1,5; 2 Cor. 10, 5-6); pela fé, o homem entrega-se total e livremente a Deus oferecendo ‘a Deus revelador o obséquio pleno da inteligência e da vontade’ e prestando voluntário assentimento à Sua revelação. Para prestar esta adesão da fé, são necessários a prévia e concomitante ajuda da graça divina e os interiores auxílios do Espírito Santo, o qual move e converte a Deus o coração, abre os olhos do entendimento, e dá ‘a todos a suavidade em aceitar e crer a verdade’ Para que a compreensão

da revelação seja sempre mais profunda, o mesmo Espírito Santo aperfeiçoa sem cessar a fé mediante os seus dons.

O processo de fixação escrita de certos textos como normativos para fé comum e religiosa de uma coletividade é denominado de cânon. Desde o Concílio de Trento, no século XVI, a Igreja Católica reconhece definitivamente na Bíblia a presença de 73 livros, dos quais 46 pertencem ao AT e 27 ao NT.

As Igrejas da Reforma, invés, têm sete livros a menos no Antigo Testamento, enquanto o Novo Testamento é igual em todas as Igrejas. O vocábulo “cânon” é um descendente direto, através do grego e do latim, de uma palavra semita que significa “cana” (*kaneh*, em hebraico).

Por ser longa, fina e reta, a cana pode ser usada para medir, como hoje usamos o metro; por isso, a palavra para cana veio a denotar uma vara de medida; depois, por extensão metafórica, uma regra, um padrão, uma norma. Com o tempo ela serviu tanto para ser uma medida quanto para representar padrão de alguma coisa, de norma de vida, por exemplo.

A partir do Sínodo de Laodiceia (360), os livros da Bíblia são chamados canônicos porque a Igreja os reconhece como normativos para a fé e para a vida dos fiéis sobre a base do seu conteúdo objetivo.

Mas, por que é importante falar em canonicidade dos livros da Sagrada Escritura? O conceito que os qualificou dentre os outros tantos livros que circulavam entre as comunidades judaicas é a inspiração.

O elenco dos livros inspirados é chamado, ao menos a partir do século IV d.C., com o nome de “cânon”, uma palavra que nos primeiros séculos do Cristianismo significava norma, regra de fé e da verdade, sem uma explícita referência às Escrituras.

As coisas reveladas por Deus, contidas e manifestadas na Sagrada Escritura, foram escritas por inspiração do Espírito Santo. Com efeito, a santa mãe Igreja, segundo a fé apostólica, considera como santos e canônicos os livros inteiros do Antigo e do Novo Testamento com todas as suas partes, porque, escritos por inspi-

ração do Espírito Santo (cfr. Jo. 20,31; 2 Tim. 3,16; 2 Ped. 1, 19-21; 3, 15-16), têm Deus por autor, e como tais foram confiados à própria Igreja (DV 11).

Segundo Dom Estevão, em seus estudos, a Inspiração se relaciona com a Revelação na pessoa do escritor sacro (hagiógrafo). O escritor recebe de Deus, capacitação para exprimir, sem erros, a Verdade Divina.

Inspiração Bíblica é a iluminação da mente do autor humano para que possa, com os dados de sua cultura religiosa e profana, transmitir uma mensagem fiel ao pensamento de Deus. O Espírito Santo fortalece a vontade e as potências executivas do autor para que realmente o hagiógrafo escreva o que ele percebeu.

Tais livros são todos humanos (Deus em nada dispensa a atividade racional do homem) e divinos (Deus acompanha a redação do homem escritor). A Bíblia é um livro divino-humano. Transmite o pensamento de Deus em roupagem humana.

(...) Todavia, para escrever os livros sagrados, Deus escolheu e serviu-se de homens na posse das suas faculdades e capacidades (2), para que, agindo Ele neles e por eles (3), pusessem por escrito, como verdadeiros autores, tudo aquilo e só aquilo que Ele queria (DV 11).

Assemelha-se ao mistério da Encarnação, onde Deus se revestiu de carne humana, pois na Bíblia a Palavra de Deus se revestiu da palavra do homem (judeu, grego, com todas as suas particularidades de expressão).

A finalidade da inspiração bíblica é estritamente religiosa. Não foi escrita para nos ensinar ciências naturais, mas aquilo que ultrapassa a razão humana (o sentido do mundo, do homem, da vida, da morte etc. diante de Deus). Portanto, não há contra-

dição entre a Bíblia e as ciências naturais. Mesmo Gênesis 1-3 não pretende ensinar como nem quando o mundo foi feito.

Mas, lendo certas páginas bíblicas que podem ferir nossa sensibilidade contemporânea, alguém pode se perguntar: a Bíblia é toda ela inspirada?

Toda a Bíblia, em qualquer de suas partes, é inspirada, qualquer que seja a sua temática. Ocorre, porém, que Deus comunica sua mensagem religiosa em linguagem familiar pré-científica, bem entendida no trato quotidiano. Por exemplo, quando falamos em ‘nacer-do-sol’ ou ‘pôr-do-sol’, supomos o sistema geocêntrico (ultrapassado), mas não somos taxados de mentirosos, porque não pretendemos definir assuntos de astronomia.

A Bíblia, portanto, não administra de modo “científico” assuntos diversos, como se lê na criação do mundo, ou na geografia dos hagiógrafos.

E assim, como tudo quanto afirmam os autores inspirados ou hagiógrafos deve ser tido como afirmado pelo Espírito Santo, por isso mesmo se deve acreditar que os livros da Escritura ensinam com certeza, fielmente e sem erro a verdade que Deus, para nossa salvação, quis que fosse consignada nas sagradas Letras (DV 11).

Notemos, porém, que somente as palavras das línguas originais (hebraico, aramaico e grego) foram assim iluminadas. As traduções bíblicas não gozam do carisma da inspiração. Por isso, ao ler a Bíblia, devemos nos certificar de estarmos usando uma tradução fiel e equivalente aos originais. O assunto das tradições merecerá ainda um esclarecimento de nossa parte.

Como, porém, Deus na Sagrada Escritura falou por meio dos homens e à maneira humana (6), o intérprete da Sagrada Escritura, para saber o que Ele quis comunicar-nos, deve investigar com

atenção o que os hagiógrafos realmente quiseram significar e que aprouve a Deus manifestar por meio das suas palavras (DV 12).

A Bíblia Sagrada é um livro, aliás uma verdadeira biblioteca. Por isso, deve ser interpretada. Não basta ler, é necessário o esforço da inteligência da fé para chegar à compreensão dos desígnios divinos ali expostos e usufruir dos efeitos salvíficos dessa mensagem assimilada pessoalmente.

Deus se faz inteligível, através da palavra humana e inspirada dos hagiógrafos, aqueles sujeitos responsáveis pela fixação da Auto-comunicação Divina no contexto da História de Salvação. Além disso, uma mensagem não se compreende no vácuo de sua inscrição; ao contrário, ela exige e descreve seus referenciais.

Por isso, o Concílio Vaticano II nos adverte sobre a tarefa indispensável de interpretar corretamente as Sagradas Escrituras, através da descoberta da “intenção dos escritores sagrados”, pela consideração dos “gêneros literários” de cada obra no cânon:

Para descobrir a intenção dos hagiógrafos, devem ser tidos também em conta, entre outras coisas, os ‘gêneros literários’. Com efeito, a verdade é proposta e expressa de modos diversos, segundo se trata de gêneros históricos, proféticos, poéticos ou outros. Importa, além disso, que o intérprete busque o sentido que o hagiógrafo em determinadas circunstâncias, segundo as condições do seu tempo e da sua cultura, pretendeu exprimir e de fato exprimiu servindo se os gêneros literários então usados (DV 12).

Em tempos de “fundamentalismos”, em que grupos e seitas exploram a Bíblia em favor de teses e comportamentos absurdos, faz urgente entender a necessidade de estudar e conhecer os métodos que permitem aos leitores e fiéis da Bíblia experiências válidas de interpretação.

Mais ainda, busca-se interpelar acerca da importância da reconstituição histórica na localização das coordenadas que indicam a produção e silhueta material e “hermenêutica” de um texto.

Com efeito, para entender retamente o que o autor sagrado quis afirmar, deve atender-se convenientemente, quer aos modos nativos de sentir, dizer ou narrar em uso nos tempos do hagiógrafo, quer àqueles que costumavam empregar-se frequentemente nas relações entre os homens de então (DV 12).

Portanto, na Sagrada Escritura, salvas sempre a verdade e a santidade de Deus, manifesta-se a admirável ‘condescendência’ da eterna sabedoria, ‘para conhecermos a inefável benignidade de Deus e com quanta acomodação Ele falou, tomando providência e cuidado da nossa natureza’ (DV 13).

A hermenêutica bíblica reside tanto na história do pensamento judaico, como aquele cristão. Em geral, a palavra hermenêutica está associada a antigas formas de superar, atualizar, controlar a interpretação dos textos “canônicos”, isto é, aqueles escolhidos pela comunidade como sagrados e portadores de mensagem religiosa normativa.

Na sua conduta, parece pertencer à chamada teologia fundamental, ramo da Teologia que se ocupa dos princípios e fundamentos da Revelação e da Fé em relação às Ciências, à Filosofia, à Religião e à cultura.

Na perspectiva da exegese bíblica, pode significar simplesmente o método para fazer exegese, isto é, para chegar à intenção original de um escritor bíblico, ou melhor, para extrair do texto bíblico pensamentos úteis para a vida cristã. Do período do Iluminismo em diante, com suas questões específicas de leitura, a hermenêutica implica também a relação entre ciência e fé na interpretação bíblica.

Da Reforma, no século XVI, a concepção de hermenêutica passa a ser uma ciência autônoma que se ocupa de problemas como a arte da compreensão, o valor e a interpretação da tradição humanista, o conhecimento como hermenêutica do ser, a historicidade da verdade, o papel do sujeito na interpretação, as várias funções da linguagem, e a relação entre as filosofias e ideologias.

Nesse campo compreende-se a amplidão acarretada por todas essas tarefas, ocupando-se de problemas gnosiológicos, ontológicos, históricos e linguísticos que invadem o inteiro campo da Teologia fundamental.